

A PROPÓSITO DAS REFLEXÕES DE JACQUES DOS SANTOS EM ENTREVISTA À TPA

O cepo, as controvérsias literárias e seus inimigos

No nosso país a fobia argumentativa tem cada vez mais manifestações públicas, assumindo formas de violência simbólica cujos efeitos parecem ter a garantia de longa duração. A ilustração disso é-nos dada pela entrevista de Jacques dos Santos à Televisão Pública de Angola, transmitida no passado dia 27 de Maio

Luís Kandjimbo

Acompanhei silenciosamente toda a conversa. Por isso, percebi que a literatura foi um dos tópicos que ocupou uma parte da sua atenção. Mas como não posso ocupar o tempo do leitor que terá certamente outros afazeres, vou limitar o meu comentário. Enquanto seguia a conversa, a minha curiosidade incidia sobre as investidas contra os universos da literatura angolana que, quanto a mim, pareceram pouco consistentes do ponto de vista argumentativo.

As elucubrações de Jacques dos Santos são submetidas a um teste de consistência neste pequeno comentário que gravita à volta do sentido de duas palavras: cepo e controvérsia. Cepo é a metonímia do espaço circular que se situa no topo do tronco de uma árvore. É o pódio. A partir desse espaço, ao qual se tem acesso por consentimento da comunidade e autoridade epistémica própria, o Cágado, o animal mais sábio da floresta, toma a palavra. Por sua vez, a controvérsia é um evento discursivo em que um proponente tem a ilusão de defender um ponto de vista, mas sem a intenção de resolver a diferença de opinião perante um eventual oponente, por ausência de

justificação fundada em provas convincentes.

Para compreender o desempenho do escritor, aqui sob escrutínio, ocorre-me fazer uma analogia entre o lugar a partir do qual esteve a fazer o uso da palavra e a força da sua argumentação. A imagem metafórica adequada para a circunstância, extraída da portentosa literatura oral angolana, convida o cepo, o cágado ea ética das virtudes. São sugestivos dois provérbios da cultura Umbundu: Mbeu kalondi ko cisingi, omanu vo kapa ko (O cágado não sobe ao topo do cepo sozinho, são as pessoas que o colocam lá); Nda ofeka ya pola, akulu vohila ciyalwa (Se a terra está em paz, os mais-velhos consentiram muitos silêncios).

Ambos os provérbios permitem perceber o alcance da maior ou menor legitimidade que uma pessoa pode ter para falar de determinados assuntos. O primeiro provérbio remete para a ideia segundo a qual só chega ao lugar da enunciação discursiva quem tem algo relevante a dizer, presumindo-se a existência de um reconhecimento por parte da comunidade em cujo espaço público intervém. De contrário, o silêncio também é remédio. Mas como as comunidades a que qual-

quer indivíduo pertence têm mecanismos de regulação do uso da palavra, é fácil saber quando é que estamos em condições de falar e a quem se deve dar oportunidade para falar e ser ouvido. O segundo provérbio remete para a ideia segundo a qual o uso da palavra requer sabedoria cuja avaliação assenta na gestão dos silêncios que a experiência dos mais-velhos permite.

Pode dizer-se que a competência, o domínio das matérias e a ética do uso da palavra são excelentes critérios para se ocupar o topo do cepo. É por isso que nas línguas nacionais angolanas há uma expressão lapidar: a palavra é venerável. Em língua Umbundu dir-se-ia: "ondaka ikola".

Ora, a curiosidade que essa entrevista suscitou, no que diz respeito à literatura angolana, tem a ver com uma inescrupulosa certeza e segurança sobre o que o escritor não consegue provar, sem ouvir oponentes e opiniões contrárias. Em primeiro lugar, acusa o Secretário-Geral da União dos Escritores Angolanos de ter uma gestão medíocre, considerando que hoje a associação prossegue fins diferentes dos que são estatutários. Em segundo lugar, contrariamente ao modo de pensar de alguns fundadores da União dos

Escritores Angolanos, ainda vivos, não hesita em revelar a sua falaciosa crença na estagnação da literatura angolana, quando nega a existência de uma tradição literária que se renova com as vozes de novos autores, (poetas, ficcionistas, ensaístas e críticos literários). Para o efeito, Jacques dos Santos faz eco de padrões estéticos alheios à comunidade a que diz pertencer e do mundo em que esta se insere. Em terceiro lugar, tem dúvidas acerca da temporalidade narrativa da memória do sistema literário angolano, dando a entender que não há pensamento sistemático sobre a história e o ensino da literatura angolana porque lhe escapa o valor do trabalho realizado por Joaquim Dias Cordeiro da Matta e João de Pinho no século XIX, ou ainda, de Mário Pinto de Andrade, Mário António, Carlos Ervedosa, Costa Andrade, Jorge Macedo, Irene Guerra Marques, David Mestre, no século XX, bem como da actividade desenvolvida por jornalistas, investigadores e professores das gerações posteriores de que faz parte o autor destas linhas. Em quarto lugar, afirma categoricamente que não existe crítica literária em Angola, ignorando a existência de instituições de ensino superior

cujas ofertas formativas garantem o surgimento de gerações literárias de mulheres e homens que hoje se dedicam à criação literária, ao seu estudo, ensino e investigação. Aí, Jacques dos Santos opera com um equívoco. Confunde a crítica literária publicada nos órgãos de comunicação social e a crítica literária, enquanto actividade de investigação e ensino.

Portanto, Jacques dos Santos terá negligenciado a observância de algumas regras de ouro que sustentam comportamentos virtuosos. Ele não admitiu que as proposições enunciadas, podendo não ser necessariamente verdadeiras, deviam trazer indícios de provas e alguma consistência para que fossem apresentadas e eventualmente aceites. É que o auditório da TPA é constituído por milhões de angolanas e angolanos que não são sempre companheiros de conversas de almoço de sábado de quem lá for falar. Esse auditório é heterógeno e exigente. E como acontece em qualquer parte do mundo, demanda provas para ser convencido e para aprender com os que fazem o uso da palavra no topo do cepo.

As regras de ouro a que me refiro podem ser inferidas daqueles dois provérbios. De um modo geral, as prá-

ticas culturais angolanas do uso da palavra e de intervenção nas conversas argumentativas comportam regras. A obrigação do ónus da prova é uma delas. A palavra não vai com o vento gratuitamente. Não se admite que o sujeito que toma a palavra se convença da legitimidade de inverter o ónus da prova. Por maioria de razão, quando o sujeito que fala é mais-velho (ukulu wendamba, em Umbundu), deve ter a noção de que não deve dar importância ao irrelevante, se conhecer a moral da comunidade a que pertence e dominar a matéria sobre a qual se debruça.

Por todas essas razões, considero que em matérias respeitantes à literatura angolana e saberes conexos devemos também cultivar a conversa argumentativa. Isto é, a conversa que dos proponentes e oponentes exige esforço, de tal modo que produzam provas pertinentes a ser submetidas ao escrutínio de todos, em regime de alternância no uso da palavra. É evidente que entre nós vai aumentando o temor pela conversa argumentativa, preferindo-se a controvérsia. Mas é grave porque em seguida vem a vontade de monopólio e tentações de controlo do saber que visam aniquilar o Outro, ignorando a sua existência.



EIDEVINA MATERULA, MINISTRA DA CULTURA E TURISMO DE MOÇAMBIQUE

“Parte do que sou tem influência angolana”

Eldevina Materula cimentou o seu percurso na música tanto como oboísta como pelo seu papel de principal artífice do projecto Xiquitsi – de educação através da música – similar ao projecto Kapossoka, em Angola. Desde Janeiro de 2020 ministra da Cultura e Turismo de Moçambique, Edelvina Materula, em entrevista exclusiva ao Jornal de Angola, via e-mail, fala do estado actual do sector que dirige, e como não podia deixar de ser, das relações entre Moçambique e Angola, que, como sublinha, “datam desde os tempos das lutas de libertação nacionais que nos foram impostas pelo colonialismo”. Manifestando-se conhecedora dos aspectos relevantes da cultura angolana, Edelvina Materula afirma, categoricamente, que os músicos e os escritores angolanos e moçambicanos “estão ‘condenados’ a conviver com a música e a literatura de um e de outro”

Adriano Mixinge e Isaquiel Cori

Em grandes pinceladas, pode dizer-nos que situação encontrou no sector e quais os principais objectivos que se propõe alcançar, na presente legislatura?

Encontrei um sector que tem ainda muitos desafios, mas estruturado e com recursos humanos capazes de vencer esses mesmos desafios.

A nossa bússola é o Plano Quinquenal do Governo 2020-2025, mas, a par disso, temos objectivos igualmente ambiciosos, refiro-me, por exemplo, a criação de estatísticas da cultura, que vão nos permitir saber quem é quem, onde está e que faz, que contribuição faz para os cofres de Estado, qual é a sua situação em relação a segurança social e, para o

efeito, iniciamos já com o mapeamento que deverá concorrer para a criação do banco de dados para que o sector conste da Contabilidade Nacional.

As estatísticas da cultura irão permitir uma melhor planificação para o sector. Vamos igualmente rever alguma legislação para melhor protecção da propriedade intelectual e dos artistas eazedores da cultura, para regularizar e definir as carreiras vs carteiras profissionais, a Lei do Mecenato e proceder a sua regulamentação, entre outros instrumentos imprescindíveis que permitam catapultar as indústrias culturais e criativas para que sejam vistas e actuem como um verdadeiro activo económico. Para já, começamos com a Revisão da Lei dos Direitos de Autor

e Direitos Conexos, que vai ao Conselho de Ministros, agora, no mês de Junho.

Um dos grandes desafios com que se confrontam o Ministério da Cultura e Turismo, em Moçambique e o Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente em Angola é, certamente, o problema das infra-estruturas para gestão e promoção das artes e da cultura: da pesada herança colonial, ao redimensionamento no período pós-independência e à sua necessária adequação ao mundo de hoje. Como é que esta questão é encarada, pelo ministério que dirige?

Não podemos continuar a falar da herança colonial. O desafio é nosso e temos de encontrar formas de ultra-

passar o problema das infra-estruturas para gestão e promoção das artes. Todo e qualquer problema resolve-se com os Recursos Humanos. Por conseguinte, é preciso investir muito na formação de Recursos Humanos sensíveis à Cultura e Turismo. É preciso que os recursos humanos adstritos a este sector percebam e conheçam a importância das artes e da cultura para o Homem. Aí sim, vamos saber maximizar a gestão das poucas infra-estruturas, projectar outras com conhecimento da causa e, por fim, promover as artes e a cultura para o desenvolvimento. Portanto, a problemática das infra-estruturas para gestão e promoção das artes e cultura é encarada com muita responsabilidade pelo sector que dirijo.

Em Moçambique, tal como em Angola, no governo a Cultura está “casada” com o Turismo. No seu país como é que as duas áreas se articulam, em termos estratégicos?

Se é um casamento, então é daqueles “casamentos perfeitos”. Em termos práticos não existe turismo sem cultura. Turismo não são as camas do hotel, praia, o restaurante. O Turismo é gastronomia, música, dança, escultura, a forma de receber os hóspedes, a forma de servir, a forma de tratar a praia e preservar as espécies marinhas e faunísticas e isso é cultura. Por conseguinte, não aceito muito a expressão “se articulam”; andam juntos e não deve um deixar o outro. Por isso, em Moçambique já começamos a assumir isso, aliás,

temos algumas expressões artísticas cujos fazedores quando não aparece o turista (estrangeiro) não se sentem realizados porque este é que é o consumidor e comprador



“Os fazedores das artes e cultura devem perceber que afinal têm um mercado maior, que não se limita ao território angolano ou moçambicano, mas que se estende de Angola a Moçambique”

das suas obras. A arte Makonde, os batikues, a gastronomia não podem faltar no Turismo.

Quais são as experiências culturais muito bem-sucedidas no seu país e que apresentaria a África como exemplos a seguir?

Temos que recuperar, certamente já tiveram a oportunidade de ouvir ou ver, a Companhia Nacional de Canto e Dança. Esta é uma experiência cultural bem-sucedida que apresentaria a África e não só, aliás, brilhou em grandes palcos do mundo incluindo o destruído “World Trade Centre”, como exemplo, mas infelizmente acabou parando no tempo, mas estamos para recuperar, é um património nacional que deve continuar vivo ou dar vida. Mas há mais experiências bem sucedidas como as companhias de Teatro Mumbela Gogo, Gungu, os agrupamentos musicais Timbila Muzimba, os músicos Moreira Chonguiça, Jimmy Dlundu, Stewart Sukuma, Wazimbo, sem nunca nos esquecermos do incontornável Mestre Malangatana, Pompílio Gemuce, entre muitos outros que não estão aqui mencionados. Somos sem dúvida um país orgulhosamente rico em cultura.

Como todos sabemos, com mais ou menos força, a pandemia da Covid-19 impactou a maior parte dos países, tanto do ponto de vista social e económico como, sobretudo, do ponto de vista cultural. Sabemos que o ministério que dirige desenhou e está a implementar um plano de contingência, - que, por certo, foi muito comentado nas redes sociais frequentadas por artistas angolanos - pode falar-nos pormenorizadamente acerca dele?

É o Projecto Arte no Quintal. Este Projecto é uma iniciativa Ministério da Cultura e Turismo, que dirijo, e Galeria do Porto de Maputo, nesta fase beneficia do patrocínio da UNESCO, Banco ABSA e apoio do Fundac e visa, neste momento da pandemia do Covid-19, entreter as famílias que estão confinadas em casa em cumprimento das medidas do Estado de Emergência declaradas pelo nosso Governo e apoiar financeiramente aos artistas que, por motivos óbvios, estão privados de exercer a sua profissão de forma regular. Significa isso que os espetáculos são gravados e difundidos online com recurso a plataformas digitais e esperamos, em breve trecho, incluir a nossa Televisão Pública, TVM, quer o canal nacional, quer o canal internacional.

Olhando para o seu percurso como músico, especialmente tanto como oboísta como depois do seu labor como principal artífice do projecto Xiquitsi - um projecto que é, sobretudo,

de educação através da música -, muito parecido ao que, em Angola, é conhecido como o projecto da orquestra Kapossoka, que percepção é que a Senhora Ministra tem da importância da Educação Artística? Qual é, de um modo geral, o estado do ensino das artes em Moçambique?

Toda a minha infância foi de música e nesse percurso de formação, desde Moçambique até Portugal, onde me especializei como oboísta, o meu desejo foi sempre de devolver aquilo que outros me deram. E encontrei no Projecto Xiquitsi uma forma de fazer isso. A Educação Artística tem uma contribuição incomensurável na formação do Homem. O estado do ensino das artes em Moçambique é bom, mas tem grandes desafios. Não podemos contentar-nos com as três escolas artísticas que o país tem, casas de cultura, Escola da Comunicação e Arte da Universidade Eduardo Mondlane ou Instituto Superior de Arte e Cultura (ISArC). Vejo isso como um começo, que deve nos encorajar a pensar num ensino artístico desde a escola primária à escola secundária. Aí sim, estaremos a formar Homens capazes de apreciar uma boa música, um bom quadro, um bom livro e, em consciência para comprar. Estaremos também e sem dúvida a criar um mundo melhor.

Que recordações guarda da sua relação com músicos angolanos residentes em Portugal?

A Música Angolana é muito rica e tive oportunidade de trabalhar com grandes nomes desta. Seguramente que parte daquilo que sou, tem também influência angolana.

Como sabemos, as relações políticas e diplomáticas entre Angola e Moçambique sempre foram muito boas e ao mais alto nível, mas, provavelmente, do ponto de vista das artes e da cultura elas poderiam ser muito melhores, sendo que não podemos perder de vista que há uma estreita relação entre os músicos angolanos e músicos moçambicanos da última vaga e que os escritores angolanos e os escritores moçambicanos sempre se inspiram e se retroalimentam, em todos os sentidos. Pode comentar?

As artes e a cultura não conhecem fronteiras, podem ter sim, ritmos, melodias, géneros, estilos diferentes de manifestar ou escrever, mas continuam a ser arte e cultura. Por isso, os músicos e escritores angolanos e moçambicanos estão “condenados” a conviver com a música e a literatura de um de outro, o que é positivo e só nos enriquece, como povo. Da nossa parte, tudo faremos para incentivar e agudizar estes intercâmbios.

O que falta para haver uma maior circulação do livro,

do disco e de outros bens culturais, em ambos os sentidos, entre os dois países?

Não falaria de falta, mas que precisamos de nos organizar melhor, no sentido de osazedores das artes e cultura perceberem que afinal têm um mercado maior, que não se limita ao território angolano ou moçambicano, mas que se estende de Angola a Moçambique, ou seja, resgatarmos o “mapa cor-de-rosa”, só que, um “mapa cor-de-rosa da cultura angolana e moçambicana”, nosso, em que podem fazer circular as suas obras. É verdade que os dois países devem aprimorar os seus quadros legais para que a circulação desses bens culturais beneficie ambos os países.

E quando olha para o percurso cultural de Angola, o que é que mais lhe chama atenção?

Chama-me atenção a sua agressividade, a sua preocupação em colocar as suas raízes na música, na escrita. Tem uma trajectória ascendente, ambiciosa no sentido de ocupar o seu espaço no mundo.

Quais são as grandes referências que tem da arte e cultura angolanas na actualidade?

Sem dúvida e começo pela música: Matias Damásio, C4Pedro, Anselmo Ralph, Pepetela, Agualusa, Ondjaki... são tantos. Ficam alguns nomes.

Para quando uma visita sua a Angola visando o reforço

das relações e da cooperação bilateral neste domínio?

Como sabeis, Moçambique e Angola são dois países e povos irmãos, cujas relações datam desde os tempos das lutas de libertação nacionais que nos foram impostas pelo colonialismo. Por conseguinte, visitar Angola ou a visita a Moçambique de Sua Excelência Ministra Adjany Costa é um imperativo de irmandade e, não fosse a pandemia do Covid-19, diria que para breve, mas não está muito longe disso, é só esperar o reatamento da nossa comunicação aérea que visitarei Angola para o reforço das relações e da cooperação bilateral nos domínios da Cultura e Turismo.



“É só esperar o reatamento da nossa comunicação aérea que visitarei Angola para o reforço das relações e da cooperação bilateral nos domínios da Cultura e Turismo”



EDIÇÕES NOVEMBRO

Perfil

Eldevina Materula, mais conhecida por Kika Materula, iniciou os seus estudos musicais quando ainda era uma menina de 7 anos de idade, na Escola Nacional de Música de Maputo. A partir daí, a música nunca mais lhe abandonou, tornando-se o maior dos acertos da sua vida e nos anos seguintes os factos o confirmaram: em 1995, já em Portugal, dá continuidade aos seus estudos musicais e tem o seu primeiro contacto com o oboé, instrumento de que é uma tocadora exímia.

Terminou a sua licenciatura na Escola de Música de Lisboa, mas, a sua pós-graduação fê-la na Malmö Academia of Music, na Suécia. Já como concertista actuou de Norte a Sul de Portugal, bem como em Espanha, na Alemanha, França, Dinamarca, Suécia, Angola, Moçambique, Brasil, entre outros. Em 2001, venceu a XVI edição do Prémio Jovens Músicos na categoria de oboé. Entretanto, ao longo da sua intensa carreira, colaborou como convidada com a Orquestra Clássica da Madeira, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Orquestra Sinfonietta de Lisboa, Orquestra

Gulbenkian, Malmö Symphonie Orchestra (Suécia), Malmö Opera Orchestra, Danish Radio Sinfonietta (Dinamarca), Orquestra Sinfónica da Bahia (Brasil), Kwazulu Natal Philharmonic Orchestra (África do Sul, entre outras).

Enquanto docente, trabalhou na Escola Profissional de Música de Évora, na Escola de Música de Palmela, como professora convidada no Projeto Neojibá (Brasil) e na Academia de Música Costa Cabral. Antes de assumir o cargo que agora exerce, no governo de Moçambique, ela desempenhou as funções de Solista na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e foi Directora Artística do Projecto Xiquitsi/Temporada de Música Clássica de Maputo, pelo qual foi condecorada com a medalha da Ordem de Mérito O Infante D. Henrique pelo actual Presidente da República Portuguesa, o Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa.

Em Janeiro de 2020 foi nomeada, pelo Presidente Filipe Nyusi, como Ministra da Cultura e Turismo da República de Moçambique.



ESCRITORA PAULINA CHIZIANE

“O livro é elitista, música é vento”

Considerada uma das maiores vozes da literatura moçambicana, Paulina Chiziane, que nasceu a 4 de Junho de 1955 em Gaza, região Sul de Moçambique, no seio de uma família protestante, destaca-se como contadora de histórias, inspirada naquilo que ouviu, quando criança e adolescente, da boca dos mais velhos à volta da fogueira. Com mais de uma dezena de obras publicadas no seu país, em Portugal e no Brasil, a escritora acaba de expandir-se: estreou-se com o álbum discográfico “Canto de Esperança”, em que as suas letras são interpretadas por jovens cantores e poetas moçambicanos. Numa altura de medo global pela pandemia do coronavírus, a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, em 1990, com ‘Balada de Amor ao Vento’, lembra que as nossas lutas pela independência foram acompanhadas de grandes cantos que ainda hoje nos inspiram. “Essas músicas do passado provam-nos que as lutas de ontem foram grandes, mas vitoriosas. Se no passado houve vitória, hoje também haverá”

Gaspar Micoló

“Canto de Esperança” é o título do seu álbum discográfico, depois de mais de uma dezena de livros. O que lhe inspirou a escrever essas canções?

O canto é a melhor forma de comunicar com o povo. O livro é elitista: é para quem sabe ler e quem tem dinheiro para comprar. Música é vento. Se o meu vizinho colocar em volume alto, tenho acesso à música, mesmo sem comprar o disco... e eu preciso muito de me comunicar com o meu povo...

A senhora entra no videoclipe da música “Muheti Wa Mbilu Yanga”, faixa 10, interpretada por Grande Homem e Helena Promisse. Como foi essa experiência de encenar ao lado dos mais jovens?

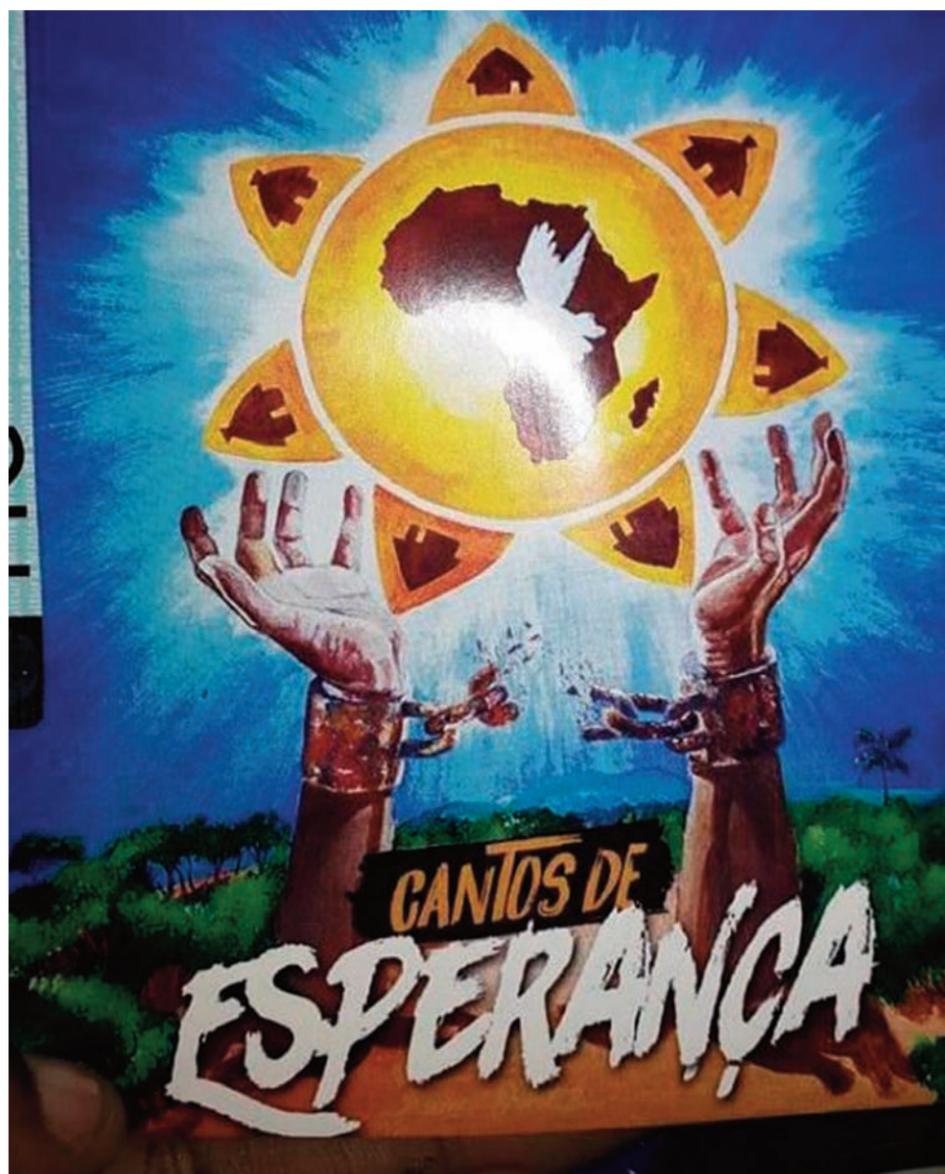
Uma experiência memorável. Os dois jovencinhos com vozes maravilhosas. São amigos da minha neta. Tenho uma neta de 20 anos. Foi um trabalho feito de muita brincadeira e carinho que eles têm por mim. São adoráveis. Até me esqueci da dor de joelho naqueles momentos...

Como é que se leva esperança aos ouvintes num mundo em constantes contradições e injustiças a escala global?

Cada um dá o que pode. Por vezes escrevo palavras de consolo. Desta vez fiz o canto. Se olharmos para as linhas do tempo da nossa África, veremos que, houve muitas lutas de resistência e em todas elas o canto aparece como forma de transmissão de energia de luta pela liberdade. Da escravatura da América, vieram grandes músicas que ainda hoje são cantadas, nas igrejas, nos grandes concertos, em rodas de família... e todas elas inspiradoras. As nossas lutas pela independência foram acompanhadas de grandes cantos que ainda hoje nos inspiram. Essas músicas do passado nos provam que as lutas de ontem foram grandes, mas vitoriosas. Se no passado houve vitória, hoje também haverá. A música é o melhor veículo para transmitir a esperança.

Lê-se “Balada de Amor ao Vento”, o seu primeiro romance, em que recupera a história dos povos rongas e chopes, e conclui-se que o feminismo negro é diferente do feminismo branco, especialmente o europeu, porque o primeiro é muito mais trágico, já que, na obra, a mulher, além de cozinhar e lavar, para servir uma refeição ao marido tem de fazê-lo de joelhos. Era isso que importava traduzir? Detesto tudo o que termina

em...ismo. Feminismo, racismo, machismo. Na Balada não transmito ismo nenhum. Apenas contei uma história humana e nada mais. A construção da sociedade europeia foi muito diferente da construção da sociedade africana... A África teve mulheres poderosas a decidir os destinos do mundo... Cleópatra. A Rainha de Sabá. Em Moçambique temos a Achivanjila, uma rainha pouco falada, mas que foi talvez a única que lutou contra a escravatura. Em Angola temos a Njinga. Estas mulheres não foram rainhas esposas do rei. Foram rainhas titulares do posto e dirigiram exércitos em campos de batalha. Temos o recente caso da Líbia onde o Kadhafi tinha uma guarda feminina das melhores do mundo... Não sei se a Europa teve uma história de mulheres guerreiras. Na África colonizada enquanto as mulheres brancas faziam rendas e bolos, as negras trabalhavam escravizadas nos campos dos colonos: café, coco, algodão... Enquanto as brancas educavam os filhos, as negras choravam os filhos levados em negreiros para nunca mais voltar... Falar de mulheres não é tao linear, é algo muito profundo. Não se pode comparar a mulher africana e a europeia como quem compara batatas. África é África, Europa é Europa, cada um com a sua cultura e história.



“A nova colonização virá em forma de religião”

A senhora nasceu numa família cristã protestante. E lembrou que a religião lhe mostrou uma visão distorcida do lugar da mulher, já que “a mulher na religião tem um lugar de silêncio”. Como anda a sua relação com as religiões e com Deus?

Estou bem de saúde comigo mesma, essa é a resposta. Gosto de olhar para a história de África. Vieram eles em nome da civilização, para nos salvar do pecado. Qual a salvação que recebemos? Escravatura, colonialismo, exploração, morte e sofrimento. O que eu digo é: a nova colonização virá em forma de religião. Olha para tudo o que se passa à sua volta dentro de África: lutas, conflitos, continuação da exploração em nome de Deus e de qualquer religião. Se no passado a religião foi usada para a expropriação do ter, hoje é usada para a lavagem cerebral e a expropriação do ser. Costumo dizer: Se Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança, então Deus é negro e é mulher assim como eu que vim dele.

Que haja religião e crenças, mas que sejam para a liberdade e não exploração. Não sei se o peixe precisa de religião para ser peixe. Ou o rio precisa de igreja para ser rio. Eu, assim como os lagartos, patos, galinhas e plantas, recebemos o dom da vida do mesmo criador. A árvore do meu jardim nunca foi à missa mas dá boa sombra e fruto... Não sou de crenças, sou de certezas. Uns creem em Deus. Eu não creio, tenho a certeza de que existe. Na crença, alguém te induz. Na certeza, a solidez da existência. Colocar o nome de Deus para sacralizar o crime como muitas religiões fazem em África é um crime maior, uma nova colonização.

A sua voz forte e lúcida em favor da emancipação feminina é recorrente nas suas obras. Como vê hoje o feminismo? Considera-se uma feminista?

Calma, rapaz. Eu falo da emancipação da humanidade e não apenas da feminina: falo dos pobres, dos socialmente excluídos e silenciados. Publiquei um romance

e um ensaio que aborda as questões da loucura (excluídos), publiquei dois livros de entrevistas onde os curandeiros e praticantes da medicina tradicional (silenciados) falam na primeira pessoa. Tenho personagens femininas muito fortes, não por qualquer ismo mas por ser o mundo que melhor domino. Pede-me agora para escrever sobre o grande golo no estádio de futebol. Serei absolutamente incompetente. Meninas da nova geração serão mais capazes do que eu, elas já são socializadas nesses meios. No meu tempo, menina não podia entrar no campo de futebol... era pecado. Por favor, não me coloquem apelidos que não tenho. Já me chamaram romancista, feminista, espiritista... e todos esses nomes pomposos. Sou Paulina e basta. Mulher simples e livre. Se eu aceitar qualquer ismo os mentores do tal ismo irão colocar a sua autoridade sobre a minha liberdade, isso não quero. No dia que publicar o diário de um assassino, não se esqueçam de me chamar as-

sassina só porque abordei o assunto em livro...

Numa entrevista, disse que muitas mulheres escreveram e escrevem em Moçambique, mas lamentou que o problema era sempre o mesmo: “elas começam muito jovens a escrever coisas muito bonitas e depois vem o casamento, vêm os filhos, e elas param, só retornando quando os filhos crescem. E aí começam um outro processo de construção enquanto escritoras”. Parece-lhe uma tarefa, a escrita, de difícil conciliação com a vida doméstica das mulheres?

Cada tempo faz as suas leis. Só me interessa dizer que as mulheres e homens não contribuem na arte em pé de igualdade. A criação dos filhos e o bem-estar da família é um projecto muito nobre. Digo também que a mulher é a artista por excelência. Toda a mulher que é mãe, já compôs uma canção de embalar para o seu bebé. As cantigas à volta da fogueira. É da mãe que o seu humano ouve um poema ou uma canção pela primeira vez...



“Identidade é profundidade e não superficialidade”

Falar sobre identidade, como a senhora lembrou recentemente, “é descer às profundezas”, da Bíblia Sagrada às grandes civilizações, como a egípcia. Como convencer hoje a um jovem africano a aceitar que também contribuiu para o desenvolvimento do mundo e do cristianismo?

Pergunta aos governantes, aos políticos, religiosos e académicos. Não é meu assunto. Eu faço o que posso. Se a igreja ou a religião fosse libertadora, devia ser ela a transmitir a mensagem. Se a academia estivesse ao serviço da identidade e da liberdade, deveria ser ela a transmitir a mensagem. Identidade é profundidade, não é superficialidade.

O historiador francês François-Xavier Fauvelle fez questão de lembrar, recentemente, que “os objectos de conhecimento de África estão na maior parte das instituições do Norte” e “a conquista colonial foi também uma conquista do passado”. Como é que reconquistamos parte da nossa herança cultural? Bastará, por exemplo, recuperar a produção material que foi pilhada pelo colonizador?

Essa pergunta é política, não irei responder. Eu não preciso de ninguém para me lembrar que o Norte pilhou o meu povo e preciso de recuperar a dignidade que me roubaram. Os governantes, políticos, religiosos e académicos, deveriam colocar essas questões na oração e na acção de cada dia, mas...

A professora e ensaísta Salma Ferraz lançou, em 2019, o “Dicionário de Personagens da Obra de Paulina Chiziane”. Uma espécie de “mapa” da sua escrita. Pôde revisitar as suas personagens? Como é que as vê com o passar do tempo?

As personagens são magníficas. A professora Salma Ferraz fez um trabalho bellissimo. Penso que hoje não seria capaz de produzir personagens tão maravilhosos.

A senhora conta que, para escrever “Niketch”, o seu livro mais popular, encontrou inspiração na Zambézia. Onde está a buscar inspiração para a sua próxima obra?

Não vou buscar em lugar nenhum. Estou a entrar num período de férias da escrita...estou a curtir uns descansos! É mesmo bom.

Tem uma obra em co-autoria com Dya Kassembe. Tem amigos em Angola ou costuma ler obras de autores angolanos?

Angola é minha pátria, e vou já aí reclamar o meu passaporte angolano. Dya Kassembe foi uma grande companheira na obra que ambas publicamos. O meu grande amigo Wanhenga Xitu, que Deus o proteja onde está. O Manuel Rui. O Lopito Feijó, grande companheiro nas andanças do mundo. O Ondjaki, meu menino lindo e talentoso. Amélia da Lomba. A Kanguimbo Ananás. A Júlia Lima de Benguela... são apenas alguns, dos tantos que conheço. Claro que não deixarei de mencionar o clássico Petetela, o incontornável.

“A quarentena mundial não é prisão, é protecção”



Paulina Chiziane nasceu a 4 de Junho de 1955 em Manjacaze, na província de Gaza, região Sul de Moçambique, no seio de uma família protestante, onde se falava chope e ronga. Aprendeu a falar português na escola de uma missão católica, pouco antes de se mudar para Maputo. Iniciou os estudos superiores na Universidade Eduardo Mondlane, mas nunca concluiu a licenciatura em Linguística. A viver na capital moçambicana, Paulina acabou por se juntar à FRELIMO durante a luta pela independência. Desiludida com a política, em 1984 abraça a escrita, começando pelos contos.

Em 1990, Paulina Chiziane torna-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, ‘Balada de Amor ao Vento’. Não gosta do termo romancista e diz sobre si: “Sou contadora de histórias e não romancista. Escrevo livros com muitas histórias, histórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte.”

O maior sucesso surge com ‘Niketch: Uma História de Poligamia’ onde relata a vida de Rami, que após descobrir que o marido tem mais quatro mulheres resolve procurá-las. Paulina faz um apelo às mulheres para se unirem e se tornarem independentes. A obra ganhou o Prémio José Craveirinha de Literatura, em 2003. Em 2014, Chiziane foi agraciada pelo Estado português com o grau de Grande Oficial da Ordem Infante D. Henrique, forma de reconhecimento do mérito e obra da autora e dedicou o prémio às moçambicanas: “Quero encorajar o meu povo, as mulheres da minha terra: por muito difícil que as condições sejam, caminhem descalços e vençam”.

A sua primeira obra discográfica, disponível em Moçambique desde

Novembro de 2019, é composta de 12 faixas tendo como intérpretes Eduardo Salmo, Chrill Malate, Grande Homem, Azagaia, Helena Promisse e Fermina da Neta. Um álbum com músicas para alimentar a alma e a consciência do público-alvo levando a uma reflexão profunda em torno da escravatura psico-social através da música e incentivar a adopção de atitudes para alcançar a desejada emancipação e liberdade social.

Em tempos de pandemia, a incansável defensora da emancipação da humanidade e da liberdade ajuda a transmitir esperança, seja por via de “live”, seja num programa televisivo onde é convidada. Mas, em Abril, no âmbito do projecto “Cartas de um outro tempo”, que procura captar a sensibilidade de figuras do campo cultural à nova realidade imposta pela pandemia, Paulina escreveu uma rica e lúcida mensagem sobre os confinamentos: “Que o mundo entenda hoje a dor dos africanos que dançam com a morte desde que nascem até que morrem: invasão colonial, colonização, escravatura, gente vendida nas plantações, deportações, guerras, massacres, cadáveres ao relento, epidemias sem fim. Há gente resistindo ao confinamento, por achar deprimente viver uns mesitos sem sair de casa. Que perguntem também como é que os africanos sobreviveram no cativo, no exílio e no minúsculo fundo do porão! Como puderam superar tantos séculos de privação de liberdade? A quarentena mundial dura alguns meses e toda a gente já sente saudades de ir à rua, respirar o cheiro do mundo. A privação da liberdade dos africanos durou séculos, e era exploração. A quarentena mundial não é prisão, mas sim protecção.”

MEMORÁVEL ACTUAÇÃO NO SHOW DO MÊS LIVE

Os Kiezos em “Estado Rebuçado”

Numa fase do Estado de Calamidade Pública em que há um relativo abrandamento das medidas de confinamento, o conjunto Os Kiezos abrilhantaram a quarta edição do Show do Mês Live, trazendo à memória de todos os amantes da MPUA (Música Popular Urbana Angolana) a lembrança vibrante de uma formação musical em permanente “Estado Ponto de Rebuçado”...

HILÁRIO VICENTE | EDIÇÕES NOVEMBRO



Analtino Santos

O concerto aconteceu, mais uma vez, na Brasom, com transmissão nas páginas das redes sociais do Show do Mês, às quais se pode aceder permanentemente. O *Jornal de Angola* teve o privilégio de assistir presencialmente o concerto.

Depois da actuação, em momento de confraternização, Habana Mayor e Gegé Faria, elementos do conjunto do Marçal, surgiram com provocação: “nós vimos a matéria com Os Jovens do Prenda, esperamos a nossa também”. Foi assim uma “intimidação” meio a brincar, em clima de festa, mostrando a “boa rivalidade” entre as duas formações.

A rivalidade ficou evidente até no programa das tardes

de sábado “Viagem ao Passado”, da Rádio Luanda, quando alguns ouvintes, aficionados dos Jovens do Prenda, manifestaram o seu descontentamento por a actuação dos Kiezos merecer honras de transmissão em directo no programa da também chamada Rádio da Kianda, ao contrário da dos Jovitos semanas antes. Apresentado pelo jornalista Afonso Quintas, marçalino e acérrimo defensor da histórica formação do seu bairro, cujos componentes fundadores foram amigos do seu pai, o programa reuniu Domingos António Miguel da Silva “Kituxi”, idealizador e membro de primeira linha do conjunto Os Kiezos, Manuelito, com passagem por vários conjuntos do passado e da actual formação dos Kiezos, Teófilo Moniz, ex-futebolista e pesquisador

da história do conjunto, os integrantes em palco, Yuri Simão, Kizua Gourgel e dois “agitadores” e admiradores da formação com sucessos que fazem as vassouras levantarem poeira, nomeadamente, Manuel Quizembo e Drummond Jaime.

Kiezu zwela

Os membros do conjunto esclareceram algumas imprecisões da história do conjunto. Kituxi, o mais antigo, confirmou que foi ele quem comprou a primeira viola, que se juntou à ngoma, caixa e outros instrumentos percussivos. Só depois é que foram à busca do guitarrista Nelson Cândido “Nelsito”, substituído mais tarde por Gabi Piresa. Juventino, irmão de Marito, pouco depois do surgimento da formação, em 1963, juntou-se a Kituxi, Adolfo Coelho e Avózinho.

Kituxi reconheceu que foi Juventino quem o aconselhou a deixar de tocar a ngoma, “porque não era um bom executante”.

Zeca Tirilene falou da entrada de Hélder Vieira Dias no baixo, na época viola de seis cordas. O veterano guitarrista realçou que em 1972 foi aliciado pelo sr. Benge, empresário dos Kiezos, para integrar o conjunto, mas recusou porque, com Toni Galvão, eram a base do África Show, de Massano Júnior, depois deste os tirar dos Quinzas. Dulce Trindade e Hildebrando Cunha aborreceram os respectivos percursos artísticos até a entrada nos Kiezos, ambos a convite de Zecax, amigo de infância. O então miúdo maravilha da guitarra, Brando, fez algumas demonstrações e deu uma canjinha de Samba Partí, uma espécie de cartilha



“O show dos Kiezos e a sua transmissão em directo na Rádio Luanda estiveram, verdadeiramente, em ponto rebuçado, ou melhor, em Estado Rebuçado”

de afirmação dos solistas, na altura.

Como o propósito foi apresentar Os Kiezos como uma escola, mais uma vez, foi dada a oportunidade aos guitarristas Yark Spin e Mário Gomes para mostrarem como temas antigos estão a ser absorvidos pela nova geração. De acordo com as pes-

quisas de Teófilo, Tony do Fumo entrou nos Kiezos em 1972, depois de deixar os Jovens do Prenda, cedendo a um desejo de Marito. Em 1976 Do Fumo afasta-se do conjunto, regressando em grande em 1978 com “Kiezu Yabu Kia”.

A história do nome do conjunto, segundo Kituxi, remonta a uma festa, quando os presentes falavam que o grupo, ainda sem nome, fazia levantar poeira, pelo que eram precisas vassouras (Kiezu). Adoptou-se então o nome Kiezu para o conjunto e, para evitar os erros de concordância, optou-se pelo plural aportuguesado “Os Kiezos” e não “Kiezu”. O show dos Kiezos e a sua transmissão em directo na Rádio Luanda estiveram, verdadeiramente, em ponto de rebuçado, ou melhor, em “Estado de Rebuçado”.

“Obrigado, meu amigo”

HILÁRIO VICENTE | EDIÇÕES NOVEMBRO

Com um alinhamento parecido aos concertos realizados em Junho do ano passado no Show do Mês, em que o conjunto fez uma das suas melhores actuações dos últimos tempos, Hildebrando Cunha arrancou com “Obrigado Meu Amigo”, das mais belas peças soladas do conjunto. De seguida Mister Kim interpretou “Monami”, uma angolanização, feita por Kituxi, de “Telefone”, sucesso do brasileiro Jorge Ben. Zé Manico e Tony do Fumo Filho com “Mbako Ka Valé” e “Kamba Kamba” fecharam o primeiro bloco musical, onde o lado espiritual e sentimental estiveram em evidência no - rotulado por Zeca Tirilene - “nosso” Jazz e Soul Music.

A viagem ao que foi produzido musicalmente nas ruas do Marçal, no passado, ainda passou por “Ngana Nzambi” na voz de Mister Kim, puxando pela genialidade de Brando, que deu o seu toque a “Memórias de Lamartine”, solo de Marito inspirado num assobio de Carlos Lamartine, enquanto Zé Manico revisitou “Lamento de Mingo”, de Tony do Fumo, culminando a parte cantada com o filho deste, que interpretou “Wavalela ó Mona”.

Manuel Claudino, ou simplesmente Manuelito, deixou de fazer comentários como no “Poeira no Quintal”, com abordagens em torno dos aspectos sócio-históricos da nossa música, para interpretar “Kiezoz”. No seu primeiro brilhante, Yark Spinescolheu solar “Benguela Libertada”, original de Botto Trindade, homem que mesmo nas terras de Mombaka não ficava atrás dos solistas da capital. Botto ligou para os colegas felicitando o rapaz. Neste bloco, o conjunto tocou “Boleia 500”, sucesso na voz do finado “Kandongá”, “Za

boba”, de Vate Costa e “Kiezoz Yabu Kia”, originariamente vocalizado por Tony do Fumo.

Com Gegé Faria no contra-solo e às vezes no contra-ritmo, Brando deixou no ar o seu virtuosismo nos solos dos temas interpretados pelo trio de vocalistas Mister Kim, Zé Manico e Tony do Fumo Filho, assim como nos instrumentais que executou. Numa tarde onde os demais integrantes da formação actual, com Habana Mayor (congas), Zeca Tirilene (viola-ritmo) e Dulce Trindade (baixo), assim como os reforços João da Loba (bateria), em substituição de Juca Vicente e de Zé Fininho na dikanza, mostraram toda a sua força e como são como o vinho, que quanto mais velho é melhor. Em alguns temas foi chamado a actuar o trio de metais constituído pelo jovem Chinguma, Rigoberto e Lázaro, os dois últimos cubanos.

No bloco final, Os Kiezoz não estavam dispostos a fazer as pessoas, em casa e nos ajuntamentos criados para os ouvir e assistir, pararem de dançar. Pelos comentários oportunos nas redes sociais, as escolhas do alinhamento para a parte final foram bastante acertadas. Interpretaram “Nossa Senhora”, “Maximbombo”, “Belita” e “Nzoyami”, o paradigmático tema da consolidação do semba, de acordo com Jomo Fortunato, “Muapango”, “Monami Messene” e a contestatária “Milhorró”. Depois pularam para um “Comboio” onde todos festejaram ao ritmo de “Kaxinde Ngandu”, “Che Mãe” e “Rosa Rosé”. Quando o comboio deixou de apitar todos foram para o Marçal ao encontro da Escola do Conjunto Os Kiezoz, que continua em “ponto de rebuçado”.



HILÁRIO VICENTE | EDIÇÕES NOVEMBRO

Mário Gomes, Yark Spin, Raquel Lisboa, Neide da Luz, Bucho e Benny são provas que existem jovens a estudar a música angolana de raiz, apesar do contacto permanente com outras linguagens. Mário Gomes e Yark Spin, depois da visibilidade que tiveram aquando da primeira passagem no Show do Mês, no ano passado, viram as carreiras tomar um outro sentido, deixando de ser vistos apenas como músicos de acompanhamento. Em “Muxima”, “Semba Henda”, “Ngola” e “Benguela Libertada” os instrumentistas, mais uma vez, deleitaram os apreciadores da MPUA. Raquel Lisboa e Neide da Luz, as duas jovens coristas, têm dado provas da sua afirmação não apenas como coristas, mas também, na interpretação das grandes vozes femininas que marcaram o cancionário angolano. Ambas são muito solicitadas para coros e para cantar em projectos musicais com temas revivalistas. Bucho é considerado o percussionista que preserva a batida de Joãozinho Morgado, o autor da marcação padronizada do semba. Por fim, Benny é um jazzman que, depois de assumir a direcção artística do Show do Mês, tem penetrado nas harmonias do semba e afluentes.



HILÁRIO VICENTE | EDIÇÕES NOVEMBRO





DIREITOS DE AUTOR EM ANGOLA

Nem oito, nem oitenta!

Em nota tornada pública, uma entidade angolana de gestão colectiva de direitos de autor, num apelo aterrorizador, onde mistura editoras de CD, plataformas de venda de música e DJs, incita estes a solicitarem uma licença, junto da mesma, para evitarem transtornos nas suas actividades, bem como a apreensão do seu material por parte da Polícia Nacional

Belmiro Carlos / *

Estranhamente, a nota não faz referência à comunicação pública primária, onde se encontra afinal o apetitoso bolo que deve ser arrecadado e repartido entre os titulares das obras. Então não é na exploração intensiva da música, videogramas, publicidade e outras feitas pelo Grupo RNA, TPA, TV Zimbo, ZAP, DSTV e outras estações radiofónicas e televisivas, onde se encontra a maior fatia a arrecadar pelas entidades de gestão colectiva de direitos de autor?

Já foi feito o trabalho para que esses Grandes Usuários paguem os direitos de autor às EGC (Entidades de Gestão Colectiva de direitos de autor) para que esses (os direitos) sejam repassados aos artistas de modo sistemático, transparente, coerente e perceptível? Então, a cópia privada não é mais importante do que todos os visados na nota, juntos?

E onde estão, e quem aprovou, as Regras de Distribuição dos Direitos, transversal aos diferentes tipos de exploração, para que todas as disciplinas artísticas possam usufruir e os beneficiários escrutinarem a justeza da sua repartição? Publiquem-na para que em sã consciência possamos decidir, por favor!

Mas o que nos trouxe aqui

hoje é a inquietação que a dita nota causou aos DJs.

A Lei dos Direitos de Autor e Conexos, angolana, nada traz sobre o assunto, embora as possibilidades da tecnologia digital nos processos de criação de música eletrónica muitas vezes esbarrem em questões de direitos autorais. Infelizmente, a nossa legislação sobre direitos de autor ainda tem um perfil “analógico”.

O DJ é um artista ou um usuário?

Se for um artista, a filiação

é livre e não é obrigatória!

Se for considerado um usuário, não está prevista na Lei (Tabela de Cobrança) a sua forma de licenciamento.

Portanto, esse assunto tem de ser discutido e resolvido harmoniosamente. Estamos num Estado democrático e de direito!

Na nossa humilde opinião, a performance pública de um DJ não pode depender de nenhuma autorização dos titulares de direitos de autor das músicas que ele vai executar, e muito menos da au-

torização de uma EGC (à luz da Lei dos Direitos de Autor em vigor em Angola). Por isso, nada de ameaças de transtornos também aqui. Trata-se da mesma liberdade que tem um cantor ou banda de, durante um certo concerto, interpretar uma ou outra música alheia (salvo os casos de proibição escrita manifestada pelo titular de direitos da obra, junto da EGC em que se encontra associado. Embora reconheçamos que uma regra fundamental do direito de autor é a de que

a utilização de qualquer obra, seja na sua forma original ou com modificações, depende da expressa autorização do autor). A prática e a dinâmica mundial, por enquanto, vai passando ao lado desse princípio, ficando pela declaração da autoria da obra primária, para efeitos de direitos de autor.

Os promotores dos eventos em que desfilam os DJs, esses sim, e de acordo com a Lei, devem junto de uma EGC, tirar uma autorização genérica e específica, com base na

Tabela de Cobrança aprovada pelo Estado. (Não pode ser um valor aleatoriamente decidido por uma EGC).

O modo de controlo das obras executadas nos eventos, para efeitos de direitos de autor, é, no momento, da responsabilidade organizativa da EGC. Embora achemos que os DJs deveriam ser obrigados por Lei a apresentar a playlist das suas performances, junto das EGC, para efeitos de direitos de autor. Todavia, as EGC têm, geralmente, estabelecido nos seus regulamentos de distribuição uma solução para esses casos.

Muitos DJs em Angola fazem misturas, introduzem textos novos, tiram e põem instrumentos nas músicas, durante as suas performances. Se não autorizados previamente, fixarem em suporte físico (gravação), e usarem para efeitos comerciais, por essas alterações podem sim ser processados pelos titulares de direitos de autor das obras vilipendiadas.

É verdade que é muito importante que todos devemos estar atentos à dinâmica dos processos criativos de música eletrónica, para que os titulares de direitos não sejam prejudicados. Mas, nem oito nem oitenta!

* Músico-compositor

